

# MERRIMAC

PUBLICAÇÃO HEBDOMADARIA, HUMORISTICA, CRITICA, SATIRICA E LITTERARIA

ANNO, 15\$000.— SEMESTRE, 8\$000.— TRÊMESTRE, 5\$000.— AVULSO. 500 RS.

Para reclamações e qualquer exigencia no escriptorio desta folha, rua da Cano n.169.

ANNO 1

DOMINGO 29 DE NOVEMBRO DE 1863.

N. 7

Lith: de F.J. Monteiro & C.<sup>os</sup> R. da Cano 169.

Rio de Janeiro.

ASSERÇÕES DO TIO JOÃO CHUPAFLO.





## O MERRIMAC.

### Typos perigosos.

J.

*Continuação do n. 5.*

III.

Pedimos aos nossos leitores venia para lançarmos um golpe de vista retrospectivo para uma das scenas de morte passadas ha oito annos pouco mais ou menos, no Rio de Janeiro.

Em uma das manhãs chuvosas que imprimem no coração um sentimento de tristeza indissolvel, que nos obseda fatalmente como um pesadelo: o povo apinhava-se pressuroso na Praia Vermelha para assistir ao fusilamento do soldado Honório M. R. que havia contendido com um superior e portanto incorrido na pena do rigoroso regulamento do Conde de Lippe.

O soldado morreo como um bravo, e uma lagrima silenciosa perolava-lhe ao longo da face, ao commandar pela ultima vez, como um pensamento de reminiscencia saudosa, uma lembrança de mulher, talvez.

Ao sibilar das balas, um grito de dôr pungente, de uma agonia suprema, veio distrahir os olhares da multidão que instinctivamente indagava a causa. Era o grito de uma mulher que desmaiára em uma das caleças que ali se encontravam.

Dir-se-hia o ai amoroso de uma mulher que sente desprender-se do envolvero terrestre o amante do coração em cujos labios e só nelles beber podia a unica e verdadeira felicidade.

VI.

Vou contar-vos essa historia, complacentes leitores:

Um bello e valente official dos nossos exercitos do Sul, que — aqui passeava em nossa capital, um desses seres descuidados que só fazião consistir a sua maior fortuna em morrer atravessado de uma balla, ou na ponta de uma espada batendo-se como um leão, adormeceu uma noite melancolico com um não sei que de vago e mysteriosamente voluptuoso que atormentava-o como um sonho de paixão esteril.

Acordou e uma scisma de visão feminil perpassava-lhe na mente como um preludio de amor.

Procurou os meios de aproximar-se della; a escripta era o mais facil.

Um soldado fiel e amigo incumbia-se da delicada missão.

Ella ria-se de todo esse vaporoso incenso com que o official pretendia embriagar-lhe os sentidos.

Um dia reparando nos delicados dedos de quem lhe entregava a missiva, fitou as suas vistas no rosto do soldado; mas baixou-as immediatamente para não ser abrasada pelo fogo que se desprendia dos brilhantes carbunculos do sensual mercurio.

Compreendeis que um capricho de posse despertou-se nessa mulher materializada pelas sensações do goso, e o pobre official permaneceu em completo olvido.

Louco que pensava amar um serafim de candidas azas, e

não sabia que as mulheres perdidas, verdadeiras diletanti dos bailes mascarados comprehendem perfeitamente a sciencia das metamorphoses.

Mas não havia recuar; forçoso era que as consequências fataes de um amor impuro se realisassem.

Muito soffria o infeliz mancebo com a noticia d'essa traição!

Uma tarde em que elle se extorcia no seu leito, dilacerado pelas torturas de uma paixão celestial perdida na terra, abriu-se a porta de seu quarto, e o soldado entrou insinuando-lhe na mão um bilhete todo perfumado.

O moço tomou-o machinalmente e sem lê-lo esperava que o mensageiro fallasse.

« Aqui tem, Sr. Official, disse-lhe enfim, a resposta que tanto ambicionava. Graças aos meus esforços pude consegui-la. »

O soldado era um perfeito materialista e já estava saciado de tanto goso.

O official mudo e quêdo olhava-o impassivelmente; depois ergueo-se, foi á sua secretaria e empunhando um punhal, accêso em raiva, bradou-lhe:

Vais morrer miseravel, defende-te.

O soldado comprehendeu que era uma lucta á morte e desembainhando a sua espada, um combate renhido travou-se.

Nemhum dos dous cahio morto; mas ambos solverão as suas dividas de amores de uma corteza, um, o inferior exalando o seu ultimo suspiro passado pelas armas, e o outro engrossando o numero dos loucos que se contêm no Hospicio de Pedro Segundo.

V.

Nessa mesma noite da execução do infeliz soldado, representava-se a Norma no Theatro Lyrico.

Scintillante de pedrarias e inebriante de perfumes, garbosa ostentava-se n'um dos camarotes da segunda ordem uma mulher fascinadora.

Os espectadores divisavam com os seus binoculos mais duas pessoas ali: uma, o fatuo e aparvalhado bem conhecido inglez L. T., e o outro o rico joven F. Junior.

Acabado o espectaculo F. Junior entrou no seu carro offerecendo a mão a um typo encantador de moça do mundo livre.

Era a mesma em cujo camarote se achava. Ella aceitou a mão do elegante mancebo com um sorriso de sereia, e ambos partirão.....

Sabeis quem era? Era a J. que tinha achado no rico F. Junior um magnifico substituto para o infeliz soldado.

Eis o caso de dizer-se como Raphael no seu sublime delirio.

« E' porque estas mulheres não têm coração! »

E porque pedir-se alma e poesia a quem não nos póde dar?

A meretriz é um cadaver quente, e a humanidade deve satisfazer-se bastante com a offerta desse fogo que só elle póde moderar-lhe a sêde dos desejos sensuaes.

E desgraçado de quem for buscar um ideal, um vislumbre sequer de poesia olorosa onde só impera a impureza da materia galvanizada por corações já ha muito apodrecidos!

CABRIÃO JUNIOR.

(Continua.)



## SCENAS SOCIAES.

APONTAMENTOS ESTHETICOS, PLASTICOS, LYRICOS, ARTISTICOS, CUBICOS

HYBRIDOS, ETC.

Pretensões a Revista.

A chronica do jornal humoristico tem no jornalismo da epoca actual um logar quasi excepcional e cheio de difficuldades entre suas companheiras.

E' tarefa um pouco desagradavel e ao mesmo tempo espinhosa, dizer cousas serias e que fação rir aquelles para quem são escriptas.

Quando mesmo a circumstancia occasional força o escriptor a tornar-se por algum tempo critico severo e imparcial, elle tem de ser o alvo dos moquejadores de tudo quanto se escreve, os quaes finalizão por lhe gritar que é prudente que o jornal satyrico não tome a serio as considerações que tem a fazer sobre qualquer dos acontecimentos de que tenha a fallar, e muitas vezes até lhe acharão graça porque julgáão que o pobre diabo os queria fazer rir. —

Lá que é deveras ridiculo o occupar-se uma pessoa em tomar as couzas pelo lado que chamão verdadeiro, por isso estou eu; o que porém é igualmente justo é, que a maior parte das vezes o que tenta fazer rir os outros tomando as cousas pelo lado irrisorio, é solemne e publicamente apedrejado, fazendo-se-lhe ameaças a ponto de o amedrontarem fazendo-o quasi entrar no caminho da seriedade, onde igualmente é também censurado por aquelles que com razão levão a vida cantando.

Fica portanto um homem em bom portuguez, *mettido entre talas*; e não sabe que caminho seguir.

Coagido pelo maior numero, resolve dizer quatro palavras sobre o assumpto; porém é logo ameaçado, muitas vezes com a promessa de o mandarem seguir sem demora e sem passaporte para um mundo melhor que o conhecido.

Para quem não tem portanto vontade de se retirar deste mundo é forçado a concordar.

E acho isto mais prudente.

Tenho amizade á vida, e não quero por cousa pouca ter de fazer uma viagem cujo destino ignoro.

Talvez seja máo gosto, mas eu cá penso assim.

Eu sei que ha gente diferente de meu modo de pensar, porém deixá-los.

A prova é que na passada semana nada menos que cinco pessoas tomáão a desagradavel resolução de seguir rumo desconhecido, com destino ao outro mundo pela via do Cajú.

E' porque estavão já satisfeitos; eu porém ainda estou longe d'isso.

E é em vista das razões apresentadas que eu resolvi no presente numero passar do jocoço ao serio, e ao muito serio.

Estão suspensas as brincadeiras.

E' tão verdadeira esta minha resolução que eu vou começar pelo barracão lyrico, a quem desde já começo a chamar Imperial e Fluminense Club — lyrico, dramatico, gymnastico, dansante, e ultimamente maritimo.

Ha longo tempo que anciosamente era esperado o momento de presenciar *Os Homens no Mar*, porque na verdade, o homem cá em terra já estava conhecido por todos.

Finalmente foi na segunda-feira á scena o drama de grande espectáculo, intitulado *Os Homens do Mar*, de que é autor o Sr. Cesar de Lacerda.

Eu vou fallar serio, se alguem porém tomar a rir o que escrevo, estou certo que fará dar o *cavaco* a alguns dos que ganharião com o elogio.

Vamos ao que interessa.

O assumpto do drama não é novo, é até quanto a mim de muito vulgar effeito.

No correr do drama não ha quasi que scena d'animacão que nos incite a apreciar-o com mais desejo.

Não ha, quanto a nós, senão no terceiro acto, scena que nos dê uma idéa de qual o pensamento do autor, em dar ao drama um tão pomposo titulo.

As scenas passadas a bordo da galera *Diamantina*, resentem-se do pouco conhecimento e pratica da vida maritima.

Ha ali alguns pontos a que decerto o autor, se é conhecido na materia, não prestou a devida attenção.

Seria até enfadonho tornar-me minucioso na exposiçãõ dos *pequenos nada*s que a muitos passão desapercibidos, mas que no entanto tornão-se em extremo conhecidos para aquelles que tem conhecimento do trato da vida maritima.

Mas será em parte necessario fazer ver alguns desses pontos para que se não julgue que somos parciaes e que fallamos sem conhecimento de causa.

Um navio que segue viagem de longo curso, cremos que tem de recolher suas *escadas, portalós, ferros, patins, etc.* até que chegando ao ponto de seu destino os torna a collocar; outro tanto porém não aconteceu com a galera, a qual ao avistar a fragata *Diana* acha-se completamente prompta a receber seos hospedes, sem para esse fim dar ordens, que pozessem em execução os arranjos que não podião achar-se promptos.

A differentes peripecias que succedem o bórdo em viagem de que os maritimos tem sempre na memoria com o render os quartos de noite, e que muito agradarião em scena, forão completamente supprimidas.

Não houve *canto*, não tocarão as ampulhetas, etc., apenas quando o piloto menos o esperava, appareceu o capitão que lhe ordena que vá ceiar.

O desfecho do drama se é bom ou não, o publico que o diga que se retirou no meio do acto.

Foi por essa razão que eu achei graça a um meu visinho que me perguntou no fim do ultimo actos e o drama estava acabado.

Embora me julguem severo, eu affianço que o autor hade concordar comigo em que a linguagem que elle no prologo poz na bocca de dous homens maritimos, que vivião em longinquas paragens, e quasi sem educação foi polida e limada ao excesso, a ponto de os fazer quasi discutir o classissim da nossa lingua com os adjectivos, *inconcebivel, incontestavel*, e outros. E' por essa razão que quando o Sr. Lacerda escreve n'outro genero, a sua linguagem torna-se de muito agradavel effeito.

O que sem duvida se não pôde deixar de dizer, é que a Sociedade Dramatica Nacional empregou todos os esforços para pôr em scena o drama a satisfação do publico.

Conseguiu ella de certo os seus fins, porque na verdade o drama nada deixou a desejar pela sua execução.

O publico acha-se sentido de que fossem tão pomposos os annuncios para uma comedia tão simples; mas essa falta, cremos nós, não é devida á Sociedade, que sempre julgou que ella teria um brilhante futuro.

A circumstancia da maior desanimacão foi a quasi charlatanica publicação dos cartazes, o que depõe muito contra uma cousa que por si mesma é digna de merecimento.

O drama do mesmo autor — *A probidade* — foi menos pomposo e mais bem recebido.

Ficamos por aqui porque não queremos tornarmos-nos enfadonhos.

E mesmo não nos é permittido fallar a sério sobre qualquer circumstancia, que não julguem logo que é chalaça.

Talvez que agora nos aconteça isso.

Oxalá que assim seja. Os artistas esses quanto a mim andarão perfeitamente: á excepção da figura do piloto que desagrada.

No *Barracão Lyrico* teve logar, antes da scena maritima, uma scena lyrica dansante e gymnastica dada pela companhia do velho mestre Martin.

Só diremos que a não ser a companhia dos irmãos Buislays não teria o publico acodido a semelhante dansado.

Os Srs. Buislays têm realmente direito a serem considerados como artistas eximios n'aquelle genero.



OS HOMENS DO MAR.  
MELODRAMA AMPHIBIO EM 3 ACTOS E UM PROLOGO.



Ao capitão mata negros longa e prospera  
iagem, eis o que lhe deseja o Merrimac.



O terrível Duarte, pescador de baleias em  
aguas turvas.



Serra-Madeira dom coração mas veia  
e socio do terrível Duarte.

As tres graças do drama



Rosalia.



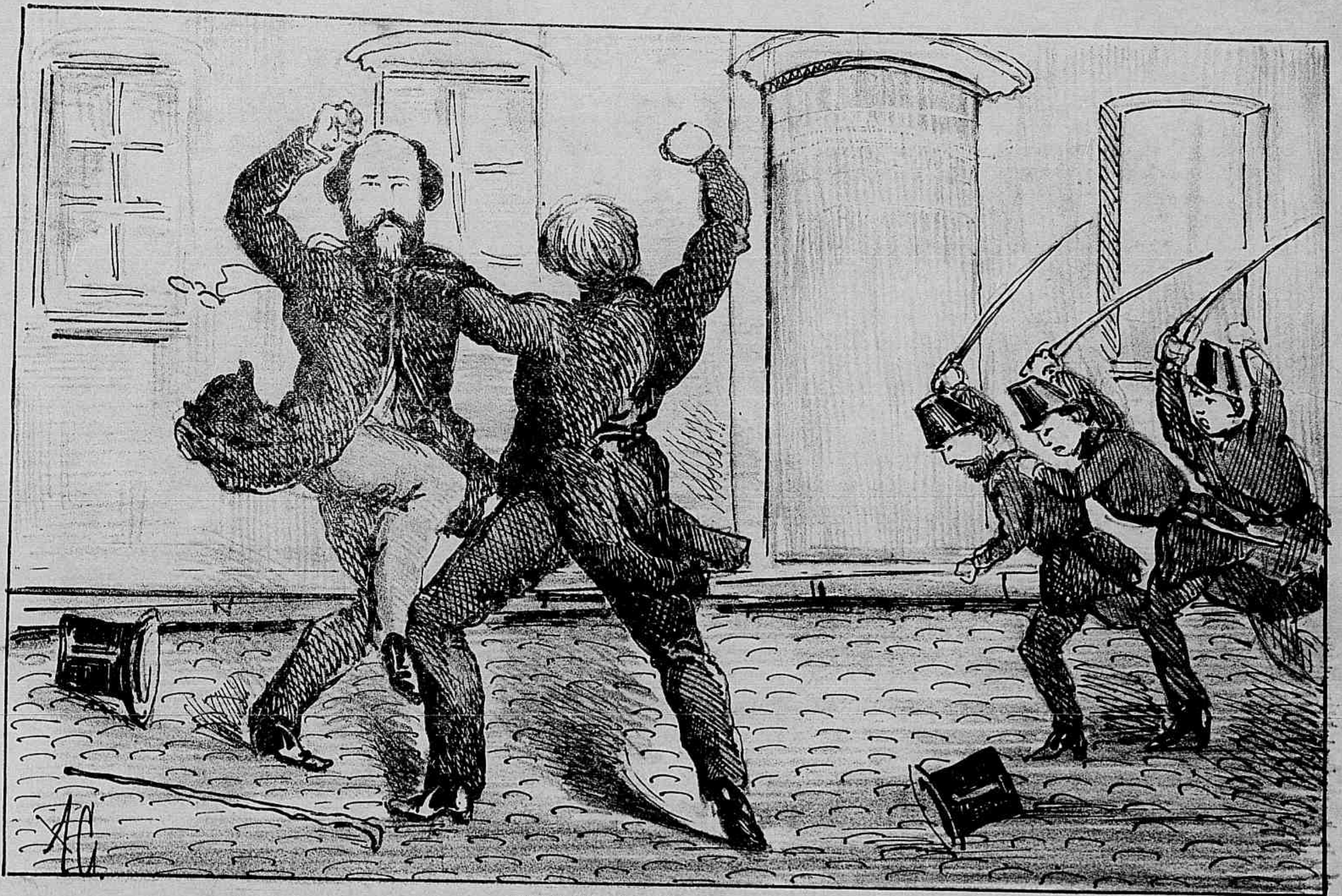
Melina!



Emilia.







# FRUCTAS DO TEMPO.

Felizmente levei o meu adversario a supapos até á parede fronteira.





Os dous irmãos executarão o trabalho do vôo de passaro com a maior pericia e coragem.

Merecerão os elogios de todos quantos o presenciáram.

O Sr. Etienne Buislay executou com summa pericia o trabalho da espiral; no entanto é forçoso confessar, que pouco ou nenhum é o perigo em que o artisa se acha collocado, para se comparar com seus filhos, que tem a vida diante dos olhos a todo o momento.

Somos de opinião que os irmãos Buislays são artistas de primeira ordem, e qualquer que seja o logar em que trabalhem hão de sempre ser bem recebidos.

A companhia de mestre Martin essa esteve quasi insupportavel.

M<sup>lle</sup>, ou M<sup>me</sup> (tambem ignoro o seu estado) Francine andou pessimamente, e ainda mais, sendo quasi a unica escolhida para entrar em scena, deixou o publico e as familias que tinham pedido o espectaculo muito descontentes.

Vamos a S. Pedro.

O S. Pedro não abriu as suas portas durante a semana, á excepção do beneficio em favor do autor do *Poder do Ouro*, ao qual concorreu o publico em maior numero do que de costume.

Annuncia-se agora para o dia 2 o drama—*Jacques o Corsario*—Oxalá que elle vá devidamente montado, estudado e ensaiado: visto que muito mais vale o poema.

E' preciso que a Associação Dramatica encare devidamente a grande responsabilidade que tem para com o publico que sabe recompensar os esforços feitos por agradar-lhe. A idéa de montar o—*Christovão Colombo*—drama de grande merecimento e apparato, talvez seja de agrado do publico.

Eu não digo nesta semana cousa alguma sobre o nosso S. Francisco: bastão *Os Homens do Mar* no Lyrico para supprir a falta tão sensível das *admirações em 3 actos*.

Deixemos em boa hora os theatros e vamos seguir caminho mais vantajoso para os clubs francezes.

Na rua da Valla tem havido grande novidade.

Houve um beneficio em favor de uma celebridade; mas essa eu lhes affianço que é celebridade em toda a extensão da palavra.

M.<sup>elle</sup> Ritto, danseuse de não conhecida eschola e que pula com graça.

Tal foi a enchente que houve no Alcazar, que mais de 60 pessoas tiveram entrada de *borla*, sómente para o fim de applaudirem a dançarina *sui generis*.

Este modo de proceder causou desgosto ás honradas familias que lá se achavão, as quaes começaram a fazer uma terrível pateada a pobre artista desditosa.

No entanto a beneficiada fez uma boa receita; deixa-la: — seja feliz com o publico que a estima.

Até parece quasi inacreditavel que certa ordem de talentos tenham o desconchavo de se apresentarem ao publico para executar trabalhos quasi entre nós desconhecidos como artisticos.

Estamos convictos que se os irmãos Buislays deixão o Alcazar, a firma de Arnaud, Garnier, Martin e C.<sup>a</sup> terá, ou de fechar, ou de se tornar mais acertada na escolha dos personagens com que nos mimoseia em nome de celebridades.

Ora na verdade é triste ouvir dizer que Francine é uma celebridade.

Pouco harmoniosa no canto, excessivamente exagerada na comedia, onde nem ao menos se sabe rir, pezada no fallar, nada tem que a faça considerar, já não digo celebridade, mas ao menos, uma artista.

Blanche e os outros estão no mesmo caso.

E' custoso soffrer incolume as atrevidas dissertações que os directores fazem a nosso respei o, julgando que nos impingem pomada por banha de cheiro.

Pedimos tambem providencias para a cerveja que começa a ser um roubo.

São diversos os assignantes que por varias vezes nos têm

feito esta recommendação, que nós vamos tomar a sério no seguinte numero.

No Eldorado a companhia continúa a tornar-se querida e estimada em vista da grande utilidade de mestre Brisson, que está quasi uma celebridade nos trabalhos de policia.

Depois de ter recebido o cavallo como artista, a companhia teve a infelicidade de perder um artista, M. Octave que se suicidou partindo em viagem para S. João Baptista, mesmo até sem ter pago a competente conta a mestre Brisson, que ficou summamente sentido, sendo, como é, generoso com seus freguezes.

Mr. Chery continua a causar grande admiração entre os carpinteiros francezes, e francezas do mercado.

Faz cousas do *arco do velha*, parece que se adiantou depois que sahio de Lisboa.

Não demos passo algum no progresso depois da descoberta do Hermann: tudo aquillo estava visto.

Mestre Brisson vai no entretanto fazendo soffrivel receita.

Para o seo egoismo é o que serve.

Esta semana sou forçado a tornar-me concizo de mais.

Tenho escriptos de pennas conhecidas, que não posso deixar de lhes dar publicidade, e não quero que me chamem egoista.

Não deixo comtudo de dizer duas palavras sobre os acontecimentos mais familiares e sociaes da nossa illustre cidade.

Uma camara municipal que cede á força brutal.

Um ministro octagenario que tenta resistir ao sopapo.

Um deputado, e um senador do imperio que jogão a luta do pugillato no meio da rua do Hospicio.

E' este um grande passo dado na luta do progresso das leis liberaes.

— Além disto vamos ter com brevidade um novo estadista e ao mesmo tempo banqueiro e moço fidalgo.

— Assim estou seguro que caminha a politica commercial com mais segurança.

Uma cabeça diplomatica ha pouco chegada, vem a este paiz com o dlreito de representar os criados do rei, seo senhor.

Depois daremos mais algumas informações a quem convier.

Saude e hixas.

Até á semana.

### Migalhas.

REI E SUBDITO. — Um sujeito, altercando com outro, no calor da disputa chamou-lhe — rei dos tolos: — Sim, meo subdito, respondeo o outro, sou teo rei.

NECESSIDADE DO SABIO PARA O RICO. — Perguntando-se a um philosopho porque razão os homens de talento frequentavão as cazas dos ricos, e estes raramente as dos homens de talento, respondeo: — Que os primeiros conhecião aquillo de que precisavão, e os outros não.

MANIA FILIAL. — Lia-se ha dias em um dos jornaes de maior formato e maior circulação desta Côrte, o seguinte annuncio: — Uma viuva de 25 annos, achando-se próximo a desmamar, desejaria ter outra criança.

DIFFICULDADE EM GOVERNAR UMA MULHER. — E' menos facil governar uma mulher do que um imperio, e a prova é que, em certos paizes, um imperante pôde assumir a corôa aos quatorze annos, mas antes dos 16 não pôde cazar.



VERDADE INGENUA. — Um sujeito a quem uma visão tinha atemorizado e tornado abstracto dizia ter visto o diabo.

Mas que fôrma tinha elle? lhe perguntou um amigo.

— A de um burro. — Ah! sim, agora vejo que tomaste medo da tua propria sombra, explicou o outro.

DISTRACÇÃO. — A certo moço janota muito distraído, cuja imaginação andava sempre preocupada com os seus negocios d'amor, perguntarão um dia: — se sua mana tinha dado á luz um menino ou uma menina: « Na verdade não posso ainda dizer, respondeo elle, se sou tio ou tia.

ESPELHO. — Comparecendo um réo no tribunal do jury, o promotor publico no di-curso da accusação, disse. « Vejo diante de mim um facinoroso, um malvado, um ladrão!! » O réo porém com grande paz de espirito replicou: « E' a primeira vez que sei que a minha pessoa servia de espelho. »

RESPOSTA AO TEMPO. — « Quer descontar esta letra? » perguntava, ha dias, uma pessoa a um usurario desta côrte. O nosso Chilloe empinou os oculos, mirou as firmas e respondeo: — « Não me serve, meo caro senhor, só desconto firmas de porta aberta. — « Ah! nesse caso » — acodia o portador « serve-lhe a polka? »

QUALIDADE E QUANTIDADE. — Certo pedante, muito orgulhoso dos pergaminhos aristocraticos de seus avós, dizia um dia, questionando com um agiota muito rico: « Vm.ª não sabe que eu sou homem de qualidade? — Se V. Ex. é homem de *qualidade*, respondeo o outro, saiba que eu, sou homem de *quantidade*.

### Macaco não olha para seu rabo.

Um celebre ratão chamado Victoriano, tinha por bordão — *Já percebe?* — e sustentava acerrimo e teimoso que todos, excepto elle, usavam de cacoete, conversando. Isso deu thema á seguinte satyra, que devemos á penna de um dos maiores criticos brasileiros — já de ha muito conhecido.

#### O BORDÃO.

Não me dirão porque causa  
Usa a mór parte de gente  
D'um cacoete impertinente  
Quando está á conversar? —  
Todos têm o seu bordão,  
Só Victoriano não.  
— *Já percebe?* —

Aquelle emprego — *et cætera* —  
Este, o — « Como ia dizendo » —  
Um, o — « Já me ia esquecendo » —  
Outro — « Vamos de vagar » —  
O costume de cacoete  
Não se tira com cacete.  
— *Já percebe?* —

Paulo diz: — « Vamos adiante » —  
Pedro usa: — « Brava, bravas » —  
Augusto o — « Very well são favas » —  
Hade por força arrumar.  
E' costume impertinente  
Que usa quasi toda gente.  
— *Já percebe?* —

Aonio em suas conversas

Encaixa o — « grande grandor » —  
Enio diz — « Pois sim senhor » —  
Marcos: — « queira me escutar » —  
E sustentão muito bem,  
Que bordão elles não tem :  
— *Já percebe?* —

Brito em tudo que nos conta  
Repete cem vezes: — « vê? » —  
Carvalho: — « de sorte que... » —  
Castro: — « por finalizar » —  
E dizem com muito empenho:  
— « Eu cacoete não tenho » —  
— *Já percebe?* —

O Diniz quando conversa  
Usa muito — « veja isto » —  
O Pereira: — « depois d'isto » —  
O Silva: — « para encurtar » —  
Todos estes taulões,  
Dizem que não tem bordões,  
— *Já percebe?* —

Zé da Vestia diz: — « Ouvio? » —  
(Fazendo á casaca festa)  
O Fonseca — « oiça mais esta » —  
(E patadas sempre a dar)!!!  
E' este um bordão tão máo,  
Que não perde nem a páo.  
— *Já percebe?* —

O Fernandes mete a — « bisca » —  
Sempre que está conversando;  
Braz — « Ora vá me escutando  
Depois lhe deixo fallar » —  
Mas o meu Victoriano  
E' mais terno e mais humano,  
— *Já percebe?* —

Sanxo emprega o seu — « pegou » —  
Martinho: — « immediatamente » —  
O Rapozo o — « finalmente » —  
(Que é bem capaz de matar)!  
E si alguém lhes vae á mão  
Dizem: — « não tenho bordão! » —  
— *Já percebe?* —

O Miranda — « Já me ouve? » —  
O Pinto — « Ora morra o potro! » —  
O — « como dizia o outro » —  
O cujo hade sempre usar.  
Es e, então, por caçoada  
Junto mais uma risada!...  
— *Já percebe?* —

Chico, torto principia  
Deixando: — « até que a final » —  
Telles: — « *Et cæ't'ra e tal* » —  
Hade a cada passo usar.  
O bordão, si não faz bem  
Tambem não mata ninguém  
— *Já percebe?* —

O mesmo Victoriano  
Todo cheio de razão,  
Sustenta não ter bordão  
E que é capaz de o provar.  
Mas'inda que faça estudo,  
Quando falla arruma em tudo.  
— *Já percebe?* —



POLITICA E PELOTIQUEIROS



Amaréllos d'um lado, ligeiros de outro cada qual trabalhando para si. E o Brazil riado-se com-  
temp'a esta obra de gigantes.